

DEFENDER A VIDA EM MEIO A FRACASSOS E CATÁSTROFES

Uma introdução a Jeremias 37–45

Monika Ottermann

2.593 anos antes de você ler esta introdução, a cidade de Jerusalém, capital de Judá, foi conquistada e depois destruída pelo exército da Babilônia. O calendário judaico contemporâneo conta o ano desta catástrofe como 3173 (“d.c.”, depois da criação). Ele equivale ao ano 587 aEC (antes da era comum) do calendário gregoriano cujo uso é dominante no mundo de hoje. Não sabemos com certeza como as pessoas comuns e os cronistas da época o identificaram: provavelmente como ano 11 do reinado de Sedecias (cf. 2Rs 24,18), talvez como ano 423 da dinastia de Davi. Cálculos antigos e modernos concordam que o dia da destruição foi o “*Tish ‘a Be-Av*”, o dia 9 do mês Av, até hoje um dia comemorativo de jejum e luto no calendário judaico. Ele corresponde, de acordo com a sintonia dos meses, a um dia em agosto ou início de setembro do calendário gregoriano.

Os caps. 37-45 do Livro de Jeremias registraram e interpretaram muitos detalhes dos fracassos, catástrofes e projetos de defesa da vida em torno deste acontecimento, a partir da visão de pessoas profundamente envolvidas neles. São elas: Jeremias e homens e mulheres em torno dele que, primeiro, procuraram evitar a catástrofe final e, depois dela, construíram um novo começo, tentando amenizar os sofrimentos provocados e documentar seus motivos – pelo bem da *vida* de quem sobreviveu e de quem viveria depois.

1. A conjuntura internacional: brigas entre superpotências

A queda de Jerusalém significava o fim do Reino de Judá e da dinastia davídica, a destruição do templo e um período de 70 anos que é chamado de “Cativo na Babilônia” ou “Exílio Babilônico”. Todos estes acontecimentos desastrosos e trágicos se dão numa conjuntura internacional do Antigo Oriente bastante comum. Em última análise, se devem a esta: as grandes potências internacionais, o Egito e a Babilônia, estavam num impasse em sua briga pelo poder e pelo controle da região. O Império Babilônico, que tinha destruído o Império Assírio em 612, conseguiu dominar sobre Judá, Síria e Palestina em geral, mas nunca conseguiu conquistar o Egito. Isso foi fatal para Judá por causa da sua posição geográfica estratégica. Para o Egito, o pequeno país era importante como aliado que apoiava e abastecia suas tropas quando estavam a caminho para campanhas na Mesopotâmia. Para a Babilônia, era o ponto de partida para invadir o Egito ou para impedir contra-ataques egípcios. Os últimos reis de Judá menos Joaquim (que seguiu Joaquim), a saber, Josias, Joacaz, Joaquim e Sedecias, fizeram seu próprio jogo de poder para tirar proveito desta situação, e acabaram causando mais

que 20 anos de sofrimentos e destruições indescritíveis, e finalmente a aniquilação definitiva de Judá como nação independente.

Estes vinte anos estavam marcados pelo “sistema de gradual aniquilamento da autonomia” que o Império Babilônico impôs a países subjugados e que tem três estágios: 1º: vassalagem com tributos e corvéia (especialmente através de tropas auxiliares); 2º: no caso de uma insurreição, intervenção militar e troca do vassalo infiel (às vezes junto à redução de seus territórios); 3º: no caso de uma nova insurreição, intervenção militar, afastamento do vassalo, fim da autonomia política do país e integração no sistema de províncias, deportação da elite nativa.

2. A conjuntura nacional: tentativa fracassada de aproveitar-se da briga

Em 640, o “povo da terra” (nesta época, as famílias ricas do interior) entronizou como rei de Judá Josias, com apenas 8 anos de idade (2Rs 22,1). Seu reinado significou um período de autonomia nacional, pois ele se aproveitou da fraqueza e das brigas internas do Império Assírio agonizante para lançar, em 627, a sua chamada “reforma” (2Rs 23). Esta consistia principalmente na conquista de terras do antigo Reino de Israel e em medidas econômicas e religiosas de centralização do poder político e religioso em torno da corte e do templo de Jerusalém. A pretensa “descoberta” do “Livro da Lei” e sua promulgação pública (2Rs 22) foi um instrumento central desta política e a conecta intimamente ao movimento deuteronomico e deuteronomista que teve seu primeiro auge nos dias deste rei.

Se a notícia sobre a vocação de Jeremias (Jr 1,2) no ano 627 for historicamente correta, ele já estava ativo como profeta nesta época inicial do reinado de Josias. Mas há fatos que apontam, no mínimo, um distanciamento profundo do profeta da pessoa e política de Josias e dos deuteronomistas:

- não temos um posicionamento claro de Jeremias em relação à reforma de Josias (salvo Jr 3,6-13 que parece condená-la como hipócrita);
- a Obra Historiográfica Deuteronomista (OHD) mantém silêncio absoluto sobre sua pessoa e atuação;
- muitos dos seus primeiros oráculos foram dirigidos a Israel, não a Judá.

Uma possível explicação é que Jeremias nasceu numa família sacerdotal levita de Anatot (Jr 1,1), um povoado a 6 km ao nordeste de Jerusalém. Eram descendentes dos sacerdotes de Nob que foram massacrados por Saul por causa de seu apoio a Davi (1Sm 22) e cujo único sobrevivente Abiatar foi exilado para lá por Salomão (1Rs 2,26). Esta ascendência e as medidas massacrantes de Josias contra sacerdotes e santuários do interior de Judá (2Rs 23,4-14, sem falar das destruições e matanças na região de Israel, 23,15-20) são motivos suficientes para ver Jeremias em oposição à monarquia. É, sobretudo, motivo para vê-lo em oposição a Josias, avaliado tão positivamente pelos historiógrafos deuteronomistas, que até conseguiram enfiar um pequeno elogio dele no próprio Livro de Jeremias (Jr 22,15-16). Temos oráculos em abundân-

cia que condenam os desvios da sociedade em geral e especialmente da elite, em geral preservados em Jr 1–6.

Josias tentou fazer um jogo político em favor do novo poder internacional, a Babilônia. Em 609, o exército do faraó Neco II (609-593) estava passando pela Palestina, para reforçar na Mesopotâmia os restos do exército da Assíria que ainda estavam combatendo o Império Babilônico. Josias o atacou com o exército judaíta num lugar estratégico da Via Maris, perto de Meguido, e foi morto na batalha (2Rs 23,20-30).

3. Judá, como vassalo da Babilônia

Joacaz, provavelmente o filho mais velho de Josias e Hamital de Lebna, foi colocado no trono pelo Povo da Terra: foi uma confirmação da política do seu pai. Tinha, na ocasião, 23 anos e reinou apenas três meses. Quando Neco, na volta das batalhas, chamou Joacaz ao seu quartel-geral em Rebla (centro da Síria), o depôs e deportou para o Egito (2Rs 23,31-35; Jr 22,10-12). Instalou em seu lugar Joaquim (a tradição protestante o chama de Jeoaquim, e seu filho e sucessor de Joaquim), filho de Josias e Zebida de Ruma que tinha 25 anos, e decretou altos tributos sobre o reino de Judá. Segundo 2Rs 23,34, este segundo filho de Josias chamava-se originalmente Eliacim e teve seu nome mudado pelo próprio faraó.

Joaquim reinou onze anos, os primeiros quatro sendo vassalo do Egito. É provável que o território de Judá tenha ficado mais uma vez restrito às dimensões que tinha antes de Josias. Assim, os tributos egípcios pesaram muito na sua economia. Jeremias denuncia que, mesmo assim, Joaquim (e provavelmente a elite em geral) esbanjou dinheiro e mão-de-obra em projetos de luxo (Jr 22,13-19). Nestes primeiros anos de seu reinado, os babilônios estavam engajados em campanhas militares na Armênia. Mas em 605, o exército de Nabucodonosor derrotou, na grande batalha de Carquemis no Eufrates, o exército egípcio do faraó Neco que tinha atacado novamente a Babilônia na pretensão de assumir o controle internacional (Jr 46,2). No entanto, Nabucodonosor não consolidou seu poder na região. Teve que voltar para a Babilônia por causa da morte de seu pai. Sucedeu no trono imediatamente e reinou, como Nabucodonosor II, até 563. Em 604, Nabucodonosor retomou a campanha, atacando a planície filistéia onde tomou e destruiu Ascalon, deportando seus líderes para a Babilônia (cf. Jr 47,5-7). É incerto se Nabucodonosor invadiu Judá ou não, mas o estado ficou sob o forte impacto destes acontecimentos, como indicam os pronunciamentos proféticos da época e o grande jejum de Jerusalém em 604 (2Rs 24,2; Jr 36,9). Foi possivelmente por causa desta campanha que Joaquim transferiu sua aliança para Nabucodonosor, tornando-se seu vassalo (2Rs 24,1) e pagando também ao novo soberano tributos que foram arrecadados entre a população através de altos impostos. Nesta época, a atividade profética de Jeremias já é bem documentada. Está concentrada na denúncia dos desmandos dos chefes políticos e religiosos e no anúncio da desgraça iminente, o “juízo divino”, que seria consequência de uma revolta contra a Babilônia. São fortes as repressões e perseguições que ele e seu colaborador Baruc filho de Nerias sofreram, e o confronto narrado em Jr 36 mostra que o rei não estava disposto a encaminhar mudanças políticas.

4. A primeira revolta: fracasso, mas ainda não o fim...

Em 600, Joaquim “revoltou-se” contra a Babilônia, depois de três anos e meio de vassalagem (2Rs 24,1), aparentemente apostando num novo crescimento das forças egípcias. Certamente estão se impondo já neste momento em Judá dois “partidos”, duas correntes políticas. Uma delas está vendo mais vantagens na aliança com a Babilônia, a outra na aliança com o Egito. Costuma-se chamar a primeira de “partido pró-babilônico”, a segunda de “partido pró-egípcio”. Por causa da sua postura de condenar rebeliões contra a Babilônia, Jeremias é tido, em geral, como membro ou simpaticizante do “partido pró-babilônico”.

A primeira reação de Nabucodonosor, que estava guerreando contra outras revoltas, foi apenas fraca (2Rs 24,2; Jr 35,11). Mas quando a revolta judaíta perdurou, Nabucodonosor saiu em dezembro de 598 outra vez com um exército da Babilônia rumo a Judá (2Rs 24,11). Joaquim morreu neste mesmo mês (muito provavelmente assassinado, cf. Jr 22,19; 36,30), e seu filho Joaquim seguiu-lhe no trono (2Rs 24,6).

Joaquin era o filho de Joaquim e Noesta. Tinha 18 anos quando assumiu o governo (2Rs 24,8) enquanto o exército babilônico estava devastando e danificando grande parte das cidades e terras de Judá e se pôs a sitiar Jerusalém. Joaquim, junto com a “rainha-mãe” (a “Grande Dama”, cf. também Jr 22,26), capitulou em março de 597 (2Rs 24,12; cf. Jr 29,2). A deportação de pessoas da elite, líderes políticos e militares bem como profissionais de guerra e da produção bélica (2Rs 16; Jr 29,2) enfraqueceu o vassalo rebelde política e militarmente e deve ser entendida como “desmilitarização” de Judá. Além disso, a guerra e os tributos agora redobrados arruinaram a economia que não podia ser recuperada facilmente por uma população drasticamente diminuída. Judá passou para o 2º estágio da vassalagem, com autonomia apenas relativa.

5. Interlúdio: reações à revolta fracassada

Nabucodonosor constituiu um rei de sua escolha, Matanias, tio de Joaquim, que era, como Joacaz, filho de Hamital (e Josias), mudando o nome do seu novo súdito: Matanias tornou-se Sedecias (2Rs 24,27). Na época, tinha 21 anos (2Rs 24,18), enquanto Jeremias já deve ter tido quase 50 anos ou mais. Parece que Sedecias nunca foi bem aceito: muita gente e principalmente a elite política estava esperando a volta do rei “legítimo” Joaquim. Por outro lado, devemos supor que entre os novos chefes políticos e religiosos estavam também homens que apoiavam Sedecias, em prol de sua própria permanência no poder, enquanto seus predecessores estavam exilados. Este problema talvez tenha a ver também com a própria pessoa de Sedecias que, de acordo com a imagem traçada nos escritos bíblicos, era um rei (e talvez até um caráter) fraco. É esta fraqueza de caráter que explica os acontecimentos durante o segundo cerco de Jerusalém, e sua fuga na hora da queda da cidade mostra que ele não correspondeu às expectativas que uma sociedade patriarcal, monárquica e guerreira tinha a respeito do seu rei.

Também os sentimentos e as aspirações nacionalistas nesta situação de grande destruição, derrota e humilhação devem ter-se voltado contra a Babilônia de maneira mais forte do que nunca. Nestes últimos anos da existência do Reino de Judá não é su-

ficiente falar de um partido “pró-egípcio” para caracterizar grupos que procuravam libertar-se do jugo babilônio. São antes de tudo “nacionalistas”, até “nacionalistas independentistas” ou “falcões”: seu objetivo primeiro não era ser vassalo do Egito, e sim recuperar um mínimo de independência e autodeterminação para seu país.

Nesta fase, o centro da atuação de Jeremias estava voltado justamente contra a política suicida destes nacionalistas independentistas: denunciou os estragos e as desgraças já acontecidas. Para evitar futuras rebeliões, defendeu a submissão ao soberano babilônico e a dispensa de qualquer atividade bélica e de revolta. Mas, suas profecias anunciam, sempre mais, que novas destruições e deportações – o “exílio babilônico” por excelência – eram inevitáveis por causa da política desenvolvida. Provavelmente já o Jeremias histórico – e não apenas releituras posteriores – viu nisso a “desgraça”, o juízo, o castigo de Javé para tanta rebeldia contra seus “planos de vida” (cf. Jr 21,8). Isso colocou Jeremias várias vezes em choque com profetas ligados ao grupo independentista que pregaram o exato contrário, a “graça”, e também com chefes políticos (cf. principalmente os caps. 19-24 e 27-38). Na conferência internacional que aconteceu em Jerusalém em torno dos anos 594/3, com a participação de outros estados vassalos (Edom, Moab, Amon, Tiro e Sidônia), mas sem um representante do faraó Psamético II, Jeremias apelou fortemente contra uma insurreição e em favor da paz (cf. Jr 27–28). Não sabemos da influência efetiva que esta intervenção teve, mas em todo caso, por enquanto não aconteceu nenhuma insurreição coletiva. O fato de Judá logo mais, em 588, ter-se revoltado sozinha contra a Babilônia torna provável que outros estados não queriam arriscar-se numa guerra de forças tão desiguais e não confiaram num apoio militar do Egito.

Em todos os acontecimentos aqui descritos, os registros do Livro de Jeremias, tanto as narrativas quanto os oráculos, destacam a pessoa do profeta Jeremias. No entanto, deixam também vislumbrar que ele era apenas *um* protagonista entre outros e suas atividades, *algumas* entre outras. A presença de Baruc, a colaboração de membros da família de Safã e a forte tomada de posição de mulheres da corte (cf. Jr 38,22) nos dão uma idéia da extensão do movimento contra os “caminhos de morte” dos nacionalistas e de Sedecias, e em favor dos “caminhos de vida” esboçados e descritos nas entrelinhas dos caps. 37-45.

6. A segunda revolta: fim e novo começo...

Novamente não sabemos de que maneira exata e por que motivos concretos esta última revolta finalmente se realizou, mas, segundo as descrições preservadas em 2Rs 25,1-12 e Jr 52, sabemos como ela terminou: com a catástrofe da destruição total. Em dezembro de 589 sucedeu o início do cerco de Jerusalém, em julho de 587 sua queda, e em agosto de 587 (dia 9 de *Av*) a destruição do templo. Isso significa que a cidade sofreu um cerco de um ano e meio. O Livro das Lamentações nos dá provavelmente apenas uma idéia muito fraca dos horrores que a população enfrentou, e outras descrições sombrias encontram-se em Dt 28,47-57 e no cântico profético de carpideiras, preservado em Jr 9,20-21. Nesta época, Jeremias ficou preso, provavelmente por causa de

sua insistência na capitulação que os nacionalistas interpretaram como traição e atentado contra a moral do exército (cf. Jr 34; 37–38). Além de sitiarem Jerusalém, o exército babilônio devastou grande parte da terra de Judá e destruiu muitas outras cidades, fortalezas ou não. A segunda deportação, junto às matanças de líderes políticos e a destruição sistemática de Jerusalém, atingiu a população da cidade de forma mais generalizada e pode ser classificada como “desurbanização”.

Esta segunda derrota de Judá pela Babilônia marca também o fim da existência do Reino de Judá e o fim da dinastia davídica. Judá passou para o 3º estágio da vassalagem, o da integração nas províncias do Império Babilônico, no caso concreto provavelmente como parte especial da província da Samerina (Samaria). Godolias, o governador instalado pelos babilônios, não era davidida. 2Rs 25,22 e Jr 40,7 dizem que Nabucodonosor “fez administrar” (nomeou) Godolias sobre o povo remanescente em Judá, sem considerá-lo rei de um país independente.

Godolias era de uma família nobre chamada de “safanida”, pois o primeiro membro conhecido dela é Safã. Safã foi um alto chefe político de Josias (possivelmente secretário de estado) e um dos protagonistas da “descoberta do Livro da Lei” e da chamada reforma de Josias, junto a seu filho Aicam (2Rs 22,8-20). Aicam salvou a vida de Jeremias e Baruc nas perseguições de Joaquim (26,24), e um dos seus filhos era Godolias (2Rs 25,22; Jr 39,14). Durante o reinado de Sedecias, ele era “intendente do palácio” ou “primeiro-ministro”.

O lugar de residência escolhido deve ter sido uma opção consciente de Godolias, embora as ruínas de Jerusalém certamente não fossem uma opção viável. Instalou-se em Masfa, 18 km ao norte da Cidade de Davi, já no antigo território de Benjamin. Hoje em dia, o local pertence ao Território Autônomo da Palestina e está praticamente integrado na periferia de sua sede de administração, Ramallah. Na época tribal de Israel, era um centro político e religioso, mencionado especialmente em relação à atuação de Samuel. Foi ali que este profeta tinha alertado as tribos contra a instalação da monarquia, mas também foi ali onde Saul acabou de ser sorteado rei (1Sm 7; 10).

Jr 39 e 40 destacam explicitamente que Jeremias fez opção de permanecer com Godolias e os remanescentes, fazendo parte do novo governo. Temos também notícias da integração de mulheres da elite, “filhas do rei” (Jr 41,10; 43,6), que certamente colaboraram com seus conhecimentos políticos. A presença delas neste grupo pode também explicar a extensão surpreendente de notícias e comentários positivos sobre mulheres que encontramos no livro de Jeremias: elas cooperaram na preservação de notícias sobre Jeremias e o movimento de resistência em torno dele, uma atividade tradicionalmente atribuída somente a Baruc.

A primeira preocupação deste governo foi a reorganização das pessoas que sobreviveram, especialmente “na terra”, nas aldeias. Importante é neste contexto a redistribuição das terras de famílias deportadas pelos babilônios (2Rs 25,21 e Jr 39,10), uma medida que podemos chamar de “retribalização”, de “reforma agrária”. Chamam a atenção certos detalhes sutis das narrativas no Livro de Jeremias. Por exemplo, não lamentam o roubo das vasilhas do templo (como o faz 2Rs 25), mas destacam as vasi-

lhas cheias do povo (40,10). Afirmam através da menção da colheita abundante (40,12) que este projeto contou com a bênção de Javé e que trouxe o fim da fome. A duração deste projeto é incerta. Biblistas que procuram diminuir sua importância falam de “alguns meses”, exegetas que querem destacar sua importância ou, ao menos, se orientam nas únicas datas disponíveis (da terceira deportação), alegam um período de quatro a cinco anos, até 582. Isso combina também melhor com a notícia da colheita abundante de vinho e frutas cuja estação é setembro e outubro: esta não poderia ser uma colheita alguns dias depois da destruição e devastação do país que acabara de terminar em agosto.

7. O fim do novo começo...

O projeto de Godolias, Jeremias e do novo “povo da terra” sofreu um fim violento. Houve um massacre realizado por um grupo de militares nacionalistas sobreviventes, liderado por Ismael, um membro da família real que se refugiara em Amon. Entre as pessoas assassinadas estavam Godolias e soldados babilônicos, entre as pessoas sobreviventes, capturadas e seqüestradas por Ismael, Jeremias e Baruc (2Rs 25,22-26; Jr 40,1-41,10). O calendário litúrgico judaico comemora o evento até hoje no dia 3 de *Tishrei*, o que é um sinal da grande importância desta tragédia. A terceira deportação para a Babilônia que aconteceu em 582 (Jr 52,30) deve ter sido a reação a esta nova revolta nacionalista, e ela provavelmente significou a eliminação do *status* especial de Judá que desapareceu, ao olhar do Império Babilônico, dentro da província da Samerina.

As pessoas capturadas foram libertas por um grupo de ex-militares sob a liderança de Joana (Ismael conseguiu escapar e voltou para Amon). Contra o conselho explícito de Jeremias, este grupo fugiu para o exílio no Egito (Jr 41,11-43,7), instalando-se na região do delta do Nilo. São preservados ainda alguns oráculos que são, na sua substância, do Jeremias histórico que devia ter, a essa altura, em torno de 70 anos de idade, e uma lenda diz que ele morreu martirizado. Depois disso cessam quaisquer notícias sobre este grupinho judaíta refugiado – ele se torna um elemento entre muitos outros que contribuíram com o desenvolvimento da diáspora judaica e, assim, com a divulgação de elementos de sua religião entre as nações estrangeiras.

8. Por fim, para que haja outros novos começos: onde é que entramos nós?

O projeto de vida de Jeremias, Godolias e tanta gente em torno deles foi massacrado para sempre? O que restou dele, para tanta gente de hoje que fez opção de se juntar aos “remanescentes” na esperança de um mundo melhor? Restou, pelo menos, este precioso testemunho dos caps. 37-45 do Livro de Jeremias. É verdade que ele não opera automática e milagrosamente. Sua eficácia no mundo de hoje depende, como sempre, de nós e nossa opção pela vida ou pela morte. Para quem procura, hoje em dia, defender a vida, construir e caminhar em “caminhos de vida” contra tantos caminhos de morte, é um documento teológico e até histórico que pode orientar este caminhar. Pois registra e interpreta sofrimentos, fracassos e massacres num mundo flagelado por interesses e ideologias “nacionalistas”, “imperialistas”, “globalizados” (sem falar de ideo-

logias elitistas, racistas, patriarcais, etc.). Mas, em meio a tudo isso, embora muitas vezes apenas nas entrelinhas, registrara e interpretara também resistências, vitórias e sobrevivências de convicções e atitudes que procuram superar estas ideologias velhas e esboçar algo novo, algo que gere vida, vida boa para todos e todas.

Desse modo, o estudo destes capítulos pode nos tornar pessoas mais sensíveis, persistentes e corajosas quando se trata de discernir e desenvolver caminhos de vida, caminhos para nosso mundo e nossa geração, e para gerações futuras e um mundo melhor que é possível. Pode nos tornar capazes de dizer, hoje, de uns caminhos: “Acabam na lama porque apostam em amigos da onça que só procuram sua vantagem própria” (cf. Jr 38,22), e de outros: “Levarão ao verdadeiro bem-estar e à promoção da vida” (cf. Jr 38,20) – uma vida de “fartura de paz, pão e felicidade” (cf. Jr 44,17).

Monika Ottermann
monicacebi@directnet.com.br